

4 Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades

Para estudar o surgimento e a ascensão dos Novos Movimentos Eclesiais (NME) e das Novas Comunidades (NC) é preciso perceber que eles não nasceram de modo inesperado e inusitado na Igreja Católica, mas deram continuidade aos movimentos religiosos que apareceram nos séculos anteriores; são também consequência de um caminho histórico das agregações laicais. Eles não são um processo isolado, mas de continuidade, como uma grande rede de retalhos que, a cada tempo, tem o bordado aumentado, com desenhos diferenciados, mas sempre no mesmo tecido. Em momentos de profunda crise cultural e eclesial ou de mudanças decisivas, surgiram movimentos eclesiais fundamentais para a Igreja. Podemos afirmar que eles são comunidades alternativas às ações paroquiais tradicionais. Sob esta denominação estão reunidos grupos que se diferenciam entre si por regras e práticas.

Eles se apresentam em plena continuidade com outras formas de experiências do Espírito em outros momentos históricos. A novidade, talvez, esteja em algumas características desses movimentos eclesiais de hoje: uma peculiar síntese harmônica de valores evangélicos para os cristãos de hoje, uma missão eclesial característica de renovação e missionariedade, um predomínio de difusão no laicato católico, um desejo de empenho e de testemunho no mundo de hoje (Castelhano, 2012, p. 1034).

Ou seja, os NME e NC surgiram como atualizações dos carismas para os novos tempos, sem perder a essência que é sempre a mesma, o Evangelho. Renovaram-se as formas de viver a pobreza, a castidade, a obediência, a missionariedade, a fuga do mundo, a rejeição aos conteúdos mundanos. Uma renovação, no entanto, que deu continuidade à tradição de movimentos e carismas da Igreja Católica. Eles emergiram por sua vitalidade eclesial e novas sínteses de vida evangélica. A grande expressão numérica de membros e a rápida ampliação, muitas vezes mundial, mostram a força e penetração desta novidade na Igreja e na sociedade.

Os movimentos são formas associativas de participação na vida da Igreja e na sua missão (CNBB, 2005). OS NME são mais antigos e mais tradicionais, sendo que alguns foram criados antes do Concílio Vaticano II. Já as NC foram fundadas nas últimas décadas, com perfil diferenciado das antigas associações leigas, muitas delas com raízes na Renovação Carismática Católica (RCC). Tanto

os NME como as NC agregam grandes números de leigos e consagrados. Têm como marca a utilização de novos métodos e expressões para a evangelização e têm, na maioria, um foco especial nos jovens e na utilização dos meios de comunicação. Alguns movimentos se estruturam em formas particulares de vivência comunitária, conhecidas como Comunidades de Vida, formadas por missionários que largam tudo para viver nas casas dos movimentos e se dedicar exclusivamente à evangelização. Os movimentos que têm essa realidade optam pela denominação de “Comunidade” ao invés de “Movimento”.

A conjuntura inovadora, representada pelas recentes formas agregativas laicais, não constitui uma novidade absoluta na vida da Igreja. Se pensarmos no movimento monástico desde o final do século III em diante com a sua originária caracterização laical e no seu influxo positivo sobre grupos de cristãos fervorosos, que normalmente gravitavam em torno dos mosteiros; no movimento evangélico-pauperístico dos séculos XII/XIII, que originaram as ordens mendicantes, os quais com suas ordens terceiras seculares foram ao encontro do desejo de todos os que, homens e mulheres, não podendo abraçar a vida religiosa, tinham a intenção de viver seriamente os seus empenhos cristãos; nos sodalícios do século XV, que se referiam às várias expressões da *Devotio moderna*; nos fermentos de reforma dos séculos XVI/XVII, dos quais foram promotores os Oratórios do Divino Amor, as Congregações Marianas dos jesuítas, e as Confrarias e Companhias dos fiéis leigos, criadas pelos membros dos Institutos dos Clérigos regulares; no despertar do laicato no século XIX com toda uma série de obras caritativas e apostólicas; e na retomada do associacionismo católico na primeira metade do XX. Foram manifestações carregadas de dinamismo evangelizador, de maturação espiritual e de crescimento de consciência eclesial, que, com outros movimentos como aquele bíblico, patrístico, litúrgico, catequético, pastoral e ecumênico, tornaram possível a revalorização dos fiéis leigos na vida e missão da Igreja. (Favale, apud Silva, 2009, p. 124)

Rylko (2000) afirma que na sociedade atual, em que a cultura secularizada tenta extinguir a fé e a religiosidade ou propor modelos de vida sem Deus, que sufocam aqueles que desejam vivê-la, existe “a necessidade de um forte anúncio e de uma sólida e profunda formação cristã”. O fenômeno religioso cresce na sociedade ocidental e capitalista, curiosamente onde se havia previsto o seu fim. Mais do que nunca, a Igreja reassume sua característica marcante (que intriga pesquisadores) de ser tão diversificada e ramificada, mas ao mesmo tempo uma, sob a orientação de um só pastor e em uma só doutrina.

A promoção do laicato na Igreja é um fator determinante para o surgimento dos Novos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades. A própria Igreja reconhece que o Vaticano II contribuiu decisivamente na expansão e valorização

do leigo no interior da instituição. Por meio de uma concepção de uma Igreja toda ministerial, procurou-se superar lentamente aquela visão de uma Igreja clerical, na qual aos leigos eram confiadas funções unicamente subordinadas e executivas. Como Vaticano II, há abertura para que o leigo possa ser protagonista da ação na Igreja.

Alguns dos atuais movimentos eclesiais e das novas comunidades surgiram antes do Concílio Vaticano II, como a Ação Católica (1923), a Comunidade de Taizé (1940), o Movimento dos Focolares (1948), que citamos anteriormente, os Cursilhos de Cristandade (1949) entre tantos outros. Porém, os textos conciliares favoreceram o crescimento dessas experiências e abriram as portas para novas. Isso está explícito em diversos documentos oficiais da Santa Sé, como na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, no número 12, que fala da dimensão profética e carismática da Igreja, ou todo o capítulo quatro sobre o laicato; na *Gaudium et spes*, número 43 ou na *Presbyterorum Ordinis* (n. 8) e, sobretudo, no decreto sobre o apostolado dos leigos, *Apostolicam actuositatem*.

No pontificado de Paulo VI (1963-1978) surgiram movimentos que, paulatinamente, foram acolhidos pela autoridade eclesiástica. A exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975) considerou-os como “preciosos para a implantação, a vida e o crescimento da Igreja e por uma capacidade de irradiação em si mesmos e para os ainda afastados”.

Os NME se espalharam rapidamente nas igrejas locais depois da década de 1960, cada uma com sua realidade e especificidade. A força deles não está radicada nas estruturas, embora sejam necessárias, mas na adesão e entrega de vida das pessoas, que passam a se dedicar quase que inteiramente às ações desses movimentos, e decidem viver um cristianismo convicto e não apenas de tradição ou de convenções.

A grande característica desses movimentos está no combate à secularização da sociedade e na rejeição às diversas mentalidades da modernidade, como o individualismo e o materialismo, que se dá por meio da vivência comunitária, na busca de uma fé e religiosidade que passam pela convivência e entrega ao outro, e não em uma fé individualista; e no desapego das coisas mundanas, em um retorno a busca das “coisas do alto”, no desejo de transcendência que vai além da posse e realizações terrenas. O antropocentrismo também é fortemente combatido através

de uma teologia cristocêntrica, que coloca Jesus Cristo no centro de todas as coisas e de todas as atividades.

Os NME tiveram apoio e encorajamento de diversos papas, como Pio XII, João XXIII, Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI, que acolheram a novidade carismática e o dinamismo apostólico dessas associações com a esperança de promover uma renovação eclesial. Eles ocuparam um lugar especial no pontificado de Papa João Paulo II. Em diversos momentos, ele declarou simpatia e incentivo a essas novas modalidades, chamando-as de “primavera da Igreja” e “resposta providencial” do Espírito Santo às urgências do novo século. E foi exatamente durante o seu longo pontificado que elas mais surgiram. João Paulo II via nos movimentos um sinal de esperança para os novos tempos. Para o pontífice, estas realidades são uma das formas da nova época associativa dos fiéis leigos na instituição, na qual, “junto às associações tradicionais, e às vezes têm suas mesmas raízes, há germinado movimentos e associações novas, com fisionomias e finalidades específicas”.

Os aspectos institucional e carismático são como que coessenciais à constituição da Igreja e concorrem, ainda que de modo diverso, para a sua vida, a sua renovação e a santificação do Povo de Deus. É desta providencial redescoberta da dimensão carismática da Igreja foi que, antes e depois do Concílio, se consolidou uma singular linha de desenvolvimento dos movimentos eclesiais e das novas comunidades. Cada movimento difere do outro, mas todos estão unidos na mesma comunhão e para a mesma missão. Alguns carismas suscitados pelo Espírito irrompem como vento impetuoso, que arrebatava e atrai as pessoas para novos caminhos de empenho missionário ao serviço radical do Evangelho, proclamando sem temor as verdades da fé, acolhendo como dom o fluxo vivo da tradição e suscitando em cada um o ardente desejo da santidade. (...) No nosso mundo, com frequência dominado por uma cultura secularizada que fomenta e difunde modelos de vida sem Deus, a fé de muitos é posta à dura prova e, não raro, é sufocada e extinta. Percebe-se, então, com urgência a necessidade de um anúncio forte e de uma sólida e aprofundada formação cristã. Como é grande, hoje, a necessidade de personalidades cristãs amadurecidas, conscientes da própria identidade batismal, da própria vocação e missão na Igreja e no mundo! E eis, então, os movimentos e as novas comunidades eclesiais: eles são a resposta, suscitada pelo Espírito Santo, a este dramático desafio do final de milênio. Vós sois esta resposta providencial.²⁸

Pela novidade e multiplicidade de formas, que caracterizam esses movimentos, é difícil dar uma definição a partir de categorias muito precisas.

²⁸ Discurso do Papa João Paulo II aos participantes do Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais, em 1998, em Roma. Disponível em <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/laity/documents/rc_pc_laity_doc_270519_98_movements-speech-hf_po.html> Acesso em 1º de Nov. 2013.

Entre algumas, apontadas pelo Cardeal Rylko (2000), podemos citar a originalidade. Segundo ele, o carisma é a “fonte de força espiritual e da novidade própria de todo movimento. Um carisma novo é, no fundo, uma nova expressão do seguimento de Cristo e da participação na missão da igreja”.

Como nas Ordens Religiosas tradicionais da Igreja, os NME e NC surgem a partir de um fundador, que transmite a experiência para outros que, por afinidade espiritual, passam a se reunir em torno dele. Essas pessoas também passam a ser responsáveis em repassar e dar continuidade ao movimento. O fundador tem um papel insubstituível na transmissão do carisma. A passagem do carisma original ao movimento ocorre “pela misteriosa atração que o fundador exerce sobre os participantes da sua experiência espiritual. O fundador é o centro da vida de todo movimento, pois ele é o portador do carisma original do qual este movimento nasceu e do qual vive” (Rylko, 2000, p. 23). É comum perceber nos discursos de fundadores de instituições religiosas e Novas Comunidades que eles não tinham interesse em fundar algo, mas de apenas viver o Evangelho. O fundador, ao descobrir ele mesmo, gradualmente, as dimensões deste carisma, indica, ao mesmo tempo, as metas que se vão alcançar e define os métodos e as estruturas de organização. Ele exerce uma espécie de paternidade e autoridade espirituais sobre os demais membros do movimento.

O principal fundamento dos NME é a catolicidade, ou seja, o forte sentimento de seguimento e pertença à Igreja Católica. Isso se dá por meio da aceitação dos mistérios e doutrinas da instituição, o desejo de reconhecimento e aceitação por parte das autoridades eclesiais, o amor e desejo de comunhão e serviço à Igreja e seus representantes, especialmente ao Papa. O ministério petrino é outra marca. Mesmo que tenham surgido nas igrejas locais, esses movimentos possuem uma abertura à dimensão universal da Igreja Católica, estando a serviço do Papa e dos bispos onde eles necessitem, com missão principal de propagação do Evangelho. A obediência e o pronto ministério às autoridades eclesiais são características essenciais.

Profundamente enraizados na realidade da Igreja como mistério de comunhão, os movimentos não podem ser objetos de visões reducionistas que façam deles meras expressões de experiências espirituais específicas. Eles constituem um elemento importante na vida da Igreja e, apesar da diversidade das formas que eles têm assumido nas distintas épocas, é possível distingui-los a longo de toda a sua história. Se observar-se a história da Igreja desde as perspectivas dos movimentos, se vê como o Espírito Santo tem respondido sempre aos novos desafios dos tempos

com figuras carismáticas que, fortalecendo a vida da Igreja com novas energias espirituais, têm aberto novos e inesperados horizontes. (Rylko, 2000, p. 23-45)

A formação cristã é um ponto de grande importância dentro dos Novos Movimentos Eclesiais. O objetivo principal da formação é constituir fiéis maduros e coerentes com a doutrina católica, que vivam a unidade entre fé e vida, capazes de enfrentar o relativismo e os questionamentos modernos. Como alicerce dessa formação está o cristocentrismo, baseado na vocação batismal de todo cristão, cujo centro está no encontro individual com a pessoa viva de Jesus Cristo, que gera a verdadeira conversão. A aplicação dessa formação deve envolver toda a dimensão existencial da pessoa, através da vivência radical do Evangelho que gera testemunho ao mundo e na forte identidade cristã, que forma nos leigos a consciência da sua própria vocação e missão na Igreja e no mundo. Outros pontos são a abertura ecumênica ao diálogo com outras formas de Cristianismo, com outras religiões e com o mundo secular; e o descobrimento do valor da oração, da leitura diária da palavra de Deus, da profundidade da vida espiritual e do desejo de santidade.

Outra inovação dos NME está na missionariedade dos leigos que, pela primeira vez na história da Igreja, são enviados em missão com o intuito de anunciar a Boa Nova, realidade antes restrita aos religiosos e clérigos. É presente (e estimulado) o impulso apostólico e a necessidade de partir em missão, de deixar profissão, família, cidade, estudos, namoros, projetos pessoais, por exemplo, para viver como os primeiros cristãos, uma vida comunitária exclusivamente dedicada à propagação do Evangelho. Através do testemunho pessoal, os movimentos se centram no anúncio direto da palavra de Deus e no despertar a fé. Para isso, se utilizam de criatividade e originalidade, com o uso de novos métodos e novas formas que fogem da tradicionalidade das paróquias para empreenderem em setores modernos da cultura, da política, dos meios de comunicação e das artes, por exemplo.

A exortação apostólica *Christifideles Laici* estabeleceu critérios para reconhecimento das agregações leigas, que são, em resumo: Primazia dada à vocação à santidade como crescimento para a plenitude da vida cristã e perfeição da caridade; a responsabilidade de confessar a fé católica, em comunhão com o magistério da Igreja, de modo que todo movimento seja lugar de proclamação e resposta da fé católica, ambiente de educação à fé. Outros pontos citados pelo

documento são o testemunho firme e convencido da comunhão com os pastores da Igreja, o papa e os bispos; a conformidade e a participação no objetivo apostólico da Igreja, para uma efetiva cooperação na nova evangelização; e o compromisso de uma presença na sociedade humana para o serviço da dignidade integral do homem (Castellano, 2012, p. 1704).

Além desses critérios, são observados também os frutos que são gerados por essas agregações dentro da Igreja, como o gosto renovado pela oração, pela contemplação, pela vida litúrgica e sacramental; o florescimento das vocações ao matrimônio cristão, à vocação sacerdotal e à vida consagrada; a formação dos cristãos; a animação às obras caritativas, culturais e espirituais; o espírito de desapego e de pobreza evangélica; a conversão ou retorno à vida cristã, principalmente em relação àqueles que se encontravam afastados.

Apesar do apoio das dioceses e paróquias, os NME não possuem o vínculo com elas, ou seja, não necessitam da autorização para realizar atividades e encontros. A relação entre as duas é dualista, ora de conflito por causa da evasão de fiéis das paróquias para as NME, ora de engajamento deles nas paróquias, o que contribui para reacender o fervor dos paroquianos. Apesar de certa autonomia, geralmente esses movimentos buscam o apoio e autorização dos bispos e padres locais para exercerem suas atividades.

Embora tenham conquistado simpatia e apoio dos pontífices, os NME não ficaram isentos também de correções e exortações por parte deles para uma plena integração na Igreja. Foi criado pelo Papa Paulo VI o Pontifício Conselho para os Leigos (PCL), órgão do dicastério da Santa Sé que acompanha de perto essas novas realidades eclesiais.

O código de Direito Canônico garante a liberdade de associação dos leigos e a criação de associações públicas e privadas de fiéis. Algumas podem ser de caráter diocesano, ou seja, apenas no âmbito da Diocese onde surgiram, ou de caráter internacional, de “direito pontifício”. Esses títulos são concedidos pela Igreja após longa avaliação do movimento, em especial dos critérios que acabamos de citar.

O alcance dos NME na sociedade, devido a sua capilaridade, é algo que impressiona as autoridades eclesiais. Eles chegam a lugares onde os padres e os

religiosos não conseguem permanecer de forma constante e assídua. Por causa disso, em algumas regiões e cidades, a Igreja local entrega a responsabilidade apostólica aos leigos e aos NME, para que esses realizem as ações e evangelização e catequese que a Diocese não consegue.

4.1 **Novas Comunidades**

A expressão Novas Comunidades tem se difundido largamente como forma de referir-se às novas formas associativas. Elas nascem como agregação de fiéis, por iniciativa dos leigos ou de algum sacerdote. Com o tempo, algumas recebem aprovação diocesana, na condição de associação de fiéis, por decreto do bispo da diocese onde ocorreu a fundação. O Código de Direito Canônico denomina três tipos de associações de fiéis: as associações públicas, fundadas por alguma autoridade eclesial; associações privadas, criadas por fiéis e aprovadas pela autoridade eclesial; e condomínios, que são associações privadas que não foram elevadas à personalidade jurídica na Igreja.

A tendência nas últimas décadas é a dos grupos de oração, a maioria oriunda da Renovação Carismática Católica (RCC), se unirem em pequenas comunidades com sede, estatuto e regras próprios, independentes da coordenação da RCC e da paróquia. As NC desenvolvem trabalhos de evangelização, com ênfase no primeiro anúncio ou Querigma (conhecimento de Cristo, primeiro anúncio da Boa Nova), ações pastorais voltadas ao público, como missas, grupos de oração, seminários de vida no Espírito Santo. A espiritualidade da maioria das Novas Comunidades baseia-se na da RCC, na qual é ressaltado o uso dos carismas, a oração em línguas ou glossolalia, a veneração a alguns santos que, geralmente, são tidos como baluartes da vocação, modelos nos quais se buscam a base da espiritualidade a ser estudada e vivenciada por eles.

Uma das principais características das Novas Comunidades está na consagração dos seus membros, que pode ser através de votos ou compromissos, dependendo do movimento. É uma alternativa para quem deseja viver uma vida consagrada, mas não se encaixa nos modelos antigos existentes. Até então, as formas de vida consagradas eram quase exclusivas aos religiosos. Com os NME, e em especial as NC, abriu-se essa oportunidade de consagração leiga, que pressupõe uma adesão mais forte do fiel à Igreja.

Um grande número de jovens tem aderido e buscado essa consagração de vida a Deus, realizada através de votos de pobreza, castidade e obediência aos moldes do movimento ou comunidade que ele participa. Outro dado interessante é o número de pessoas, em especial de jovens consagrados, que decidem assumir uma vida celibatária (não se casam para dedicar-se inteiramente à Deus). A consagração é antecedida por intensa formação, dividida por níveis formativos que variam de acordo com a NC.

Elas apresentam a especificidade de um carisma original, atualizado a partir das intuições de um fundador (ou fundadora), que, por sua vez, procura dar uma resposta evangélica aos desafios do mundo contemporâneo. Tal resposta não ocorre unicamente pela pessoa do fundador, mas é ele quem constata um chamado a constituir uma comunidade, cuja vida fraterna e espiritualidade comum se tornam condições imprescindíveis para a realização e a eficácia do apostolado.

Entre as características comuns aos NME e às NC estão: o aspecto carismático, tanto pela sua origem, como pelas formas de participação; a difusão por toda a Igreja; a composição mista de clérigos e leigos com diversos estados de vida, baseada em uma eclesiologia de comunhão que vai além da teologia do laicato, o que justifica a preferência por se chamarem movimentos eclesiais e não movimentos laicais; a consciência de pertença à Igreja e de participação em sua missão salvífica. Outro aspecto novo e comum está na busca de uma vivência apostólica criativa e flexível, destinada à conversão e ao crescimento na fé, principalmente para as pessoas mais afastadas da Igreja, e não tanto voltada a organizar e santificar ambientes já eclesiásticos, e a experiência da fraternidade em comunidade e da atividade apostólica da nova evangelização.

Podemos perceber que os NME e as NC surgiram após o declínio ou mesmo desaparecimento de antigos movimentos, e da crise das ordens, congregações e dos institutos seculares, a partir da segunda metade do século passado. Movimentos eclesiais mais antigos tinham uma diferença fundamental em relação aos NME e NC: a autoridade do sacerdote era muito forte, chegava a ser praticamente exclusiva.

Já nos NME e NC, a figura do sacerdote é importante, mas desempenha papel secundário. Ele não é, na maioria, o líder do movimento, ou quando o é, exerce a autoridade compartilhada com os leigos (nesses casos, ele é autoridade por causa do título de fundador e não por ser um sacerdote). Em muitos

movimentos e comunidades, percebe-se que o sacerdote é um membro como os demais, um “irmão”, respeitado por causa do sacramento da Ordem, sob a autoridade do fundador ou membros nomeados pelo fundador. Algumas comunidades formam seus próprios sacerdotes, com pessoas que descobrem e assumem o chamado ao sacerdócio após ingressarem nas comunidades, tendo antes passado por um caminho formativo distinto aos membros do movimento.

Nas Novas Comunidades, os integrantes partilham valores e visões de mundo comuns, exercem sua subjetividade e, nelas, “encontram respostas” contra as incertezas da vida em sociedade e sentido de vida que, no mundo, não poderiam ser encontrados. Outras características que atraem as pessoas a essas comunidades são a formação bíblica e doutrinal, mais presente que nas missas ou pastorais paroquiais, a animação das celebrações e grupos, sempre regados de cânticos e danças, e a intensidade e valorização das ações litúrgicas.

4.2 **Renovação Carismática Católica**

A Renovação Carismática Católica (RCC) é um movimento que surgiu após o Concílio Vaticano II. Ela nasceu com o propósito de “renovar” a Igreja Católica, reacender o fervor e os carismas em todos os setores, como paróquias, dioceses e, conseqüentemente, a sociedade. Conforme relata Mariz (2003), a meta inicial da Renovação Carismática era “mudar a Igreja como um todo: propor uma nova forma de ser Igreja tanto para os leigos quanto para o clero”. Contudo, complementa, “a dinâmica da organização maior da Igreja, não comporta uma única forma de ser Igreja”. Por isso, a RCC teve de se estruturar como movimento religioso para sobreviver.

Um dos focos da RCC está no reavivamento de católicos não-praticantes, levando-os a uma participação maior na vida sacramental e adesão à doutrina católica. Diversos autores colocaram ainda a RCC como a resposta da Igreja Católica à ação das igrejas pentecostais, na tentativa de diminuir a evasão de fiéis para as seitas protestantes. A novidade da RCC para a estrutura da Igreja Católica foi a expansão da utilização dos meios de comunicação de massa para a evangelização. É por meio deles que o grande público da RCC é atingido, seja pelos “padres midiáticos”, ou pelos programas católicos desenvolvidos para diversos públicos, principalmente para os jovens, cujo teor principal está na

doutrina católica, nos atos devocionais (terço mariano, terço da misericórdia, por exemplo) e na oração. De acordo com Gomes (2008), além de dar uma grande visibilidade à RCC, os meios de comunicação são ferramentas para a disseminação de suas práticas e crenças, sendo possível, por exemplo, em muitos lugares do Brasil, encontrar católicos que exibem algum traço “carismático” mesmo sem pertencer ao movimento, devido à influência da RCC pelos meios de comunicação.

No início da década de 1960, os Estados Unidos viviam uma onda de entusiasmo pelas vigílias de leitura da Bíblia e encontros de oração. Em diversas Universidades, se formavam grupos de jovens que se reuniam semanalmente. Essas reuniões consistiam em leitura da Bíblia, preces de improviso, canto e formação. Aos domingos, uma missa era organizada para os estudantes.

A origem do movimento é apontada a partir de um retiro espiritual realizado entre os dias 17 e 19 de fevereiro de 1967, na Universidade de Duquesne (Pittsburgh, Pensylvania, EUA), em que alguns estudantes universitários católicos afirmaram ter recebido o “batismo no Espírito Santo”, uma experiência análoga àquela descrita no livro dos Atos dos Apóstolos, caracterizada pela manifestação dos dons do Espírito Santo, marcada principalmente pela glossolalia e pelos dons de profecia e cura. Segundo Gomes (2008), já havia relatos de outras experiências de “batismo no Espírito Santo” que começavam a ocorrer em vários lugares dos Estados Unidos, porém aquele ano e o ficaram como marcos de fundação da RCC.

No dia 17 de Fevereiro de 1967, vinte e cinco estudantes aproximadamente, acompanhados pelo capelão do Campus, que era um padre da Ordem do Espírito Santo, dirigiram-se para um centro de retiros chamado "The Ark and the Dove", situado na região de North Hills, pertencente à Diocese de Pittsburg. (...) As palestras teriam o seu foco nos primeiros quatro capítulos dos Atos dos Apóstolos. (...) muitos dos jovens foram se sentindo individualmente induzidos a se dirigirem para a capela, aonde experimentaram, de forma manifesta, o Batismo no Espírito Santo. (...) Mais tarde, começaram a realizar-se, regularmente, em Notre Dame, encontros católicos carismáticos de oração, e se difundia cada vez mais a graça do batismo no Espírito. Duquesne, Notre Dame, Michigan, e um número enorme de católicos têm sido batizados no Espírito Santo²⁹.

²⁹ Disponível em <<http://www.comshalom.org/a-origem-da-rcc-2/>> Acesso em 12 Nov. 2013.

A RCC se espalhou rapidamente pelos EUA e, logo em seguida, pelo mundo inteiro. Mariz (2003) relata que, em 1972, foi criado o Escritório de Comunicação Internacional da RCC (*International Communication Office – ICO*) com objetivo de ajudar na comunicação entre grupos carismáticos de países distintos. Segundo ela, em outubro de 1973, com apenas seis anos de existência, o ICO organizou a primeira Conferência Internacional de líderes da Renovação realizada em Grottaferrata, Itália, na qual estiveram presentes 120 líderes da renovação, que foram recebidos pelo Papa Paulo VI. Em 1975, o ICO organizou o Primeiro Congresso Internacional, em Roma, que atraiu 10 mil participantes. Mariz relata ainda que no segundo semestre de 1977, a partir de uma consulta a 110 representantes de 60 países, decidiu-se formar um comitê internacional para supervisionar o trabalho do ICO. Em 1981, o ICO passou a se chamar ICCRO (International Catholic Charismatic Renewal Office ou Escritório Internacional da Renovação Carismática Católica), com sede em Roma.

Logo após o surgimento nos EUA, a Renovação chegou ao Brasil. A organização do movimento ocorreu de forma simultânea em outros países. Em 1973, no mesmo ano que houve o primeiro congresso internacional em Roma, ocorreu também o primeiro congresso nacional no Brasil, em Itaipava. Gomes (2008) relata que a Renovação chegou ao Brasil em 1969, trazida por dois jesuítas estadunidenses, Haroldo Rahm e Eduardo Dougherty, que se estabeleceram na cidade paulista de Campinas, onde iniciaram os primeiros Encontros de Oração no Espírito Santo. Gomes relata que a década de 1970 foi um período de expansão e organização da RCC no Brasil, com a realização dos congressos nacionais. Os anos 1980 são considerados como o período da consolidação institucional e projeção da RCC na mídia. Na década de 1990, a RCC já era uma presença expressiva no meio católico, ainda que não majoritária, atingindo a cifra de milhões de adeptos e de pessoas influenciadas por ela. Foi a década também de sua forte inserção na mídia eletrônica, com rádios e canais de televisão voltados para a evangelização dos católicos³⁰.

³⁰ Segundo o site oficial da RCC (WWW.rccbrasil.org), em 1994, um levantamento quantitativo sobre a RCC mostrou que havia na época 3,8 milhões de católicos carismáticos, no conjunto da população brasileira adulta (ou seja, não foram contabilizados jovens e adolescentes, que são o grande alvo da maioria dos movimentos e grupos da RCC), sendo que 70% eram mulheres, com grande número de donas de casa (24%). A maior parte dos que estavam ocupados eram

Gradativamente, outros padres e leigos começaram a aderir à nova maneira de evangelizar, de exercer o apostolado. A RCC se espalhou pelo Brasil, promovendo uma renovação na vida espiritual de católicos atuantes e já engajados em movimentos pastorais, como por exemplo, Encontro de Casais com Cristo (ECC), Treinamento de Liderança Cristã (TLC). Mas ela alcançou também os católicos que estavam afastados e retornavam à Igreja. A RCC foi se organizando nas Paróquias, nas Dioceses, em vários Estados, através das equipes ou núcleos de serviço, com o trabalho orientado por uma Comissão Nacional. Depois de algum tempo, formou-se também o Conselho Nacional, composto pelos Coordenadores Estaduais.

Conforme Gomes (2008), inicialmente, a RCC caracterizou-se por ser um movimento católico da classe média, com o envolvimento majoritário de universitários, profissionais liberais e funcionários públicos, se expandindo depois para classes mais populares, em especial na década de 1990. Ela se tornou uma organização católica articulada em diversos níveis – nacional, estadual e diocesano – em conselhos, comissões, escritórios, ministérios, equipes de serviço, comunidades e grupos de oração³¹.

O Grupo de Oração é a base da estrutura da Renovação Carismática. Organizados geralmente nas paróquias e liderados por leigos, eles são formados

funcionários públicos (22%). Ainda segundo o site, a Renovação Carismática estava presente em todos os Estados e também no Distrito Federal, com cerca de 285 coordenações (arqui)diocesanas organizadas e cadastradas junto ao Escritório Nacional. Em estimativa feita, no final de 2005, com às coordenações estaduais da RCC, eles contabilizaram aproximadamente 20 mil grupos de oração em todo o Brasil, isto sem contar as comunidades de vida e de aliança, associações e inúmeras outras atividades de apostolado ligadas à RCC. O site apresenta uma pesquisa mundial realizada no ano 2000, cujos participantes foram divididos em seis categorias: “semanal”, “mensal”, “anual”, “envolvidos”, “famílias” e “comunidade”. As quatro primeiras contabilizavam pessoas adultas e as duas últimas incluíam também as crianças. Na primeira categoria encontravam-se os que compareciam semanalmente a um grupo de oração, estimados em aproximadamente 13,4 milhões de pessoas. A categoria “mensal” identificou os que participavam nas reuniões de oração em uma ou mais vezes por mês, com aproximadamente 19,3 milhões de pessoas, e a categoria “anual”, com aproximadamente 28,7 milhões de pessoas. Os classificados como “envolvidos” eram os que se identificavam perante a opinião pública como católicos carismáticos, correspondem a 44,3 milhões de pessoas. Incluindo adultos e crianças, foram ainda quantificadas a categoria “família”, com um número 71,3 milhões de pessoas e a categoria chamada de “comunidade”, onde foram contabilizados católicos carismáticos ativos, os que se tornaram irregulares ou menos ativos, os que atuavam em outras atividades ou se tornaram inativos, perfazendo um total de 119,9 milhões de pessoas, o que representa 11,3% do total de católicos batizados. Disponível em <<http://rcbrasil.org.br/institucional/a-rcc-do-brasil.html>> Acesso em 06 jan. 2014.

³¹ Para Mariz (2003), a vivência e permanência de um carisma se dá através da institucionalização dos movimentos, que passa pela rotina e reprodução fiel e permanente dos pensamentos e ações da instituição. Uma das características da RCC está, segundo ela, está nessa organização institucional.

por um número variado de pessoas, que se reúnem toda semana para oração de formação.

O Grupo de Oração (GO) é um espaço caloroso de oração, fundamental na Renovação Carismática Católica. Comumente chamamos de GO o segundo momento da reunião de oração, porém ele se distingue em três momentos importantes: o núcleo, a reunião de oração e o grupo de perseverança. Por ser uma porta aberta, constantemente introduz novas pessoas à experiência regeneradora do Batismo no Espírito Santo. Aliás, este é um de seus objetivos principais: levar os que nele participam a abrirem-se a graça de Pentecostes, ou seja, ao contínuo e perene derramar do Espírito Santo³².

A RCC consegue retomar e revalidar a tradição católica através da experiência subjetiva e da escolha pessoal dos fiéis (o que eles chamam de experiência pessoal com a pessoa de Jesus Cristo). Ela promove um retorno à tradição pela via da modernidade, dando ao indivíduo a livre escolha de seguir ou não a doutrina, e não mais por imposição ou cultura. Se a liberdade, a subjetividade e a autonomia são fatores da modernidade, através dos NME, em especial da RCC, elas são trazidas para o interior da Igreja. Esse misto de tradicionalismo, através da devoção aos santos e a Nossa Senhora, obediência à Igreja e às autoridades dos movimentos; e de modernidade, seja pelos meios de comunicação, pela pluralidade de movimentos leigos dentro da Igreja e da própria RCC, a busca de uma experiência mística, são traços marcantes do movimento. É a experiência individual que marca a adesão, e não a catequese ou a tradição. Depois da experiência mística, entra fortemente a catequese, por meio das formações.

Mariz (2003) afirma que o discurso sobre religiosidade contemporânea tem enfatizado a prioridade da experiência sobre a instituição ou organização religiosa. Em geral, muitos fiéis explicam a atração e perseverança em participar de um determinado grupo ou movimento religioso a partir da experiência mística que tiveram nesses lugares, sem muita referência à organização ou instituição. Conforme a autora, diversos pesquisadores em religião sublinham o processo de autonomia dos indivíduos em relação às instituições religiosas, isto é, processo de “desinstitucionalização”, porém, esquecem que a transmissão e reprodução de experiências coletivas ocorrem apenas porque existem organizações sociais. Para ela, mesmo que a religiosidade contemporânea pareça ser para o fiel algo cada vez

³² Disponível em: <www.rccbrasil.org.br> Acesso em 06 jan. 2014.

mais emocional, experiencial e espontâneo, é “graças a estruturas organizativas específicas, que experiências desse tipo podem se manter e se expandir na vida social”.

Com louvores, orações de cura, testemunhos e pregações, que atraem um grande público, principalmente de jovens, a RCC imprime também novas características à religião, que passa a dar mais importância à individualidade, às provas concretas e à experiência. Os Seminários de Vida no Espírito Santo geralmente são a porta de entrada para os grupos de oração, nos quais os participantes recebem o batismo no Espírito Santo. Retiros, congressos, shows são ainda algumas das estratégias utilizadas para atrair novos adeptos e manter aqueles que já fazem parte do grupo.

4.3 Comunidades de Vida e Aliança

As Novas Comunidades surgiram com uma inovação dentro da Igreja: as Comunidades de Vida (CV) e de Aliança (CA). Em algumas NC existem as duas realidades; em outras, apenas uma. Na maioria delas, tanto na CV como na CA, existem os três estados de vida: matrimônio, celibato e sacerdócio. Em geral, a Comunidade de Vida é caracterizada por leigos consagrados, tanto homens como mulheres, que residem juntos, que se dedicam inteiramente aos serviços da Comunidade e são mantidos por doações. Na Comunidade de Aliança, os membros consagrados têm suas casas, moram com a família, têm empregos e vivem no mundo secular, mas têm compromissos com a Comunidade e também fazem votos.

As Comunidades de Vida e Aliança surgem no interior das Novas Comunidades como setores internos que fomentam e sustentam essas novas realidades. Elas têm regras próprias, de acordo com a realidade e missão de cada uma. Se por um lado, as “Comunidades de Vida” podem lembrar as tradicionais congregações religiosas, por outro, diferem bastante daquelas, quando por vezes reúnem, em uma mesma residência, fiéis de ambos os sexos e, também, casais com filhos. Assim como as ordens religiosas, as Comunidades de Vida possuem uma autonomia significativa em relação à Igreja Católica. Na definição de Hortal (1993), elas são chamadas “comunidades mentais ou virtuais, pois se baseiam em um ideal, filosofia ou estilo de vida compartilhado por indivíduos no seu

cotidiano, mas extravasando laços físicos e territoriais”. A comunidade é vista como um amplo movimento no mundo, cuja meta é a transformação pessoal e social. Também são, segundo Hortal, “comunidades emocionais, porque ocupam lugar não no território, mas na subjetividade dos fiéis”.

As Comunidades de Vida se caracterizam pela doação total à Nova Comunidade a qual ela pertence e à evangelização. Os membros abrem mão da vida profissional, do convívio familiar, deixam casas, empregos, cidades e se dedicam totalmente aos serviços da Comunidade e da Igreja. Chamados de missionários, eles se consagram a Deus através do Movimento, fazem votos de pobreza, castidade e obediência à Igreja e à vocação. Geralmente os membros da CV vivem em casas comunitárias, onde dividem os bens, os trabalhos domésticos e as atividades religiosas pelas quais são responsáveis. Participam de formações próprias formuladas pelo fundador e seus auxiliares.

Tal como uma ordem religiosa, elas pode ter regras próprias e se autossustentam em termos materiais. Os membros vivem dentro de casas comunitárias, onde trabalham apenas nas atividades dentro da própria instituição, ou na Arquidiocese da cidade, a pedido do bispo local. Essas atividades não são remuneradas. A CV apresenta uma forma de vida mais monacal, dedicada grande parte à oração e ao trabalho pastoral. Essas comunidades são mantidas por meio da venda de livros, CDs, artigos religiosos, ou pela doação e dízimo dos participantes da comunidade de aliança, de membros de grupos de oração formados por eles ou mesmo de simpatizantes e benfeitores.

A Comunidade de Aliança mantém vínculos com o mundo secular, mas adquire compromissos e responsabilidades dentro da comunidade. Os membros dela permanecem no ambiente secular da família, trabalho, estudo, mas dedicam grande parte do seu tempo aos compromissos da Comunidade. Eles também se consagram e fazem votos de pobreza, castidade e obediência, de acordo com os conceitos do carisma. O fato de estar presente nas duas esferas, tanto religiosa como a secular é a principal característica da CA. Para Gomes (2008), a questão da vida comunitária, seja na Comunidade de Vida, seja na Comunidade de Aliança, tem atraído a maioria das pessoas que procuram as Novas Comunidades, em busca também de uma experiência de fraternidade. Segundo ele, na tradição sociológica, “comunidade” sempre esteve associada ao seu par opositor

“sociedade”, em que “comunidade” seria o lugar das relações pessoais, da relação face a face, das normas e valores tradicionais, da vizinhança e proximidade. Em contraponto, “sociedade” referia-se ao mundo mais amplo, ao universo das relações impessoais, formais, ao anonimato dos indivíduos das grandes cidades e metrópoles do mundo moderno e urbano em permanente mudança.

Ainda conforme Gomes, no âmbito da religião, “comunidade” se refere a indivíduos que compartilham de um conjunto comum de crenças e práticas religiosas. A comunidade religiosa pode ser uma comunidade de vizinhança, como no caso das paróquias na Igreja Católica em que o território é tido como elemento de nucleação comunitária. Mas as comunidades que são formadas pelas Novas Comunidades se distanciam muito do modelo paroquial. Primeiro, há uma vida comunitária – partilha, troca, proximidade, intimidade, expressão da subjetividade – ao contrário da vida paroquial que segue um caminho de mais formalidade, mais preocupada com o serviço sacramental, com pouco espaço para o atendimento pessoal, e o pároco, na maior parte do tempo, atua como um funcionário do sagrado, responsável pelo controle da “graça institucional”.

Outro elemento apontado por Gomes como importante da vida comunitária das Novas Comunidades é a identidade assumida pelo grupo. O sentimento de pertença é algo característico dos membros das Comunidades, expresso nos símbolos religiosos, por vezes ostensivamente visíveis como crucifixos, medalhas, pulseiras, camisas com estampas de imagens religiosas, e até mesmo no modo de vestir-se, com roupas mais austeras e comportadas. É uma nova identidade que se constitui após uma experiência de mudança de vida e adesão mais consciente e estreita ao catolicismo – entendido aqui como doutrina. A matriz carismática das Novas Comunidades torna a vida comunitária expressiva e aconchegante, gerando uma sensação de segurança.

Podemos concluir que mesmo diante de um cenário moderno secularizado, em que se valorizam as experiências individuais em detrimento das formas institucionais religiosas, cresce o número de movimentos que agregam pessoas na vivência de uma mesma experiência vocacional. Isso gera comunidades de fiéis, nascidas do engajamento pessoal e voluntário dos indivíduos, caracterizadas pela busca uma identidade coletiva e uma vivência mais aprofundada da fé.